

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003.

Tema 3: A Experiência Psicanalítica e a Cultura contemporânea.

Subtema 3e: A Psicanálise a Universidade: A Questão do Lugar do Saber Psicanalítico, Ensino ou Transmissão?

PSICANALISE, LETRA E TRANSMISSÃO.

Joselita Rodovalho

RESUMO

A relação entre psicanálise e linguagem se estabeleceu desde as primeiras investigações clínicas de Freud. Mas foi a obra inaugural da psicanálise *A Interpretação Dos Sonhos* (1900) que estabeleceu definitivamente os laços com as estruturas da linguagem. Lacan, ao definir o inconsciente estruturado como uma linguagem, situa-o em relação às suas três categorias inovadoras da escritura psicanalítica: RSI. Tornando-se fundamento de uma estrutura de falta, será mais esclarecedor do objeto sobre o qual a psicanálise opera tanto na clínica quanto na constituição de um saber transmissível.

PALAVRAS CHAVE: Letra, Imagem Determinativa, Ensino, Transmissibilidade, Universidade.

Este tema abrange algumas reflexões de um percurso em psicanálise: a clínica e o ensino extensivo em instituições. É, portanto, um fragmento de pesquisas e estudos que pretende dar conta da relação do inconsciente com as estruturas da linguagem e das condições de sua transmissibilidade.

O inconsciente, delimitado por Freud como o objeto da psicanálise, encontra em Jacques Lacan a sua melhor definição: *o inconsciente é estruturado como a linguagem*. A relação entre psicanálise e linguagem foi originalmente estabelecida por Freud pela verificação clínica do surgimento do inconsciente através de suas formações simbólicas na fala e também na escrita.

Quanto à linguagem, Ezra Pound (p. 3) nos dá uma satisfatória definição como algo que foi obviamente criada para a comunicação, podendo ser falada ou escrita.

A linguagem falada é ruído dividido num sistema de grunhidos, assobios, etc. Isso é chamado de fala articulada. Já a linguagem escrita pode consistir em signos representando esses vários ruídos. As pessoas se põem mais ou menos de acordo

em que grupos desses ruídos ou signos devem corresponder a determinado objeto, ação ou condição.

O que determina a relação psicanálise e linguagem é o fato desta última fornecer os necessários elementos de estrutura mais condizentes com a proposta psicanalítica: dar conta de um sujeito compreendido como efeito de uma estrutura bem tramada pela lógica do significante.

Para Freud (1885), a palavra articulada pela fala e pela escrita representa uma unidade complexa, formada pela associação de dois tipos heterogêneos de representação: *representação palavra* e *representação objeto*. Fala e escrita situam-se do lado da *representação palavra*, ou seja, restos mnêmicos de palavras provindas essencialmente de percepções acústicas, que se associam dando origem ao sentido no sistema inconsciente. Os componentes visuais da representação, a *representação objeto*, simultaneamente, associam-se às *representações palavras*, fornecem imagens à palavra, desempenhando o papel de signos de suporte. Do lado da *representação objeto* encontra-se os significados para as representações acústicas. Freud (1895, p.209) afirma que a *palavra é, propriamente falando, restos de memória da palavra escutada*. Deste modo entendemos que a unidade complexa representada pela palavra resulta da combinatória dos restos de percepções acústicas e percepções visuais.

É na *Interpretação dos Sonhos* em 1900, obra inaugural da psicanálise, que Freud definitivamente estabelece os laços entre inconsciente e linguagem, pois ali descobre a linguagem dos sonhos como sendo a via régia para o inconsciente.

O inconsciente fala mais de um dialeto, e dentre as variadas condições psicopatológicas encontramos mudanças de expressão dos impulsos psíquicos inconscientes, ou seja, temos maneiras distintas de verificar as formações do inconsciente e o sonho é a mais autêntica formação do inconsciente (Freud, 1913, p. 1857).

A interpretação dos sonhos mostra peculiaridades da linguagem onírica reveladora de um sistema de expressão bastante arcaica. Desta forma, o trabalho do sonho torna-se a pedra angular do trabalho psicanalítico, e, tanto a extensão de seus resultados como a abrangência de seus efeitos, constituem uma grandiosa contribuição da psicanálise para a cultura humana.

Sendo a linguagem dos sonhos representada por imagens visuais, os sonhos são comparáveis a um sistema de escrita antiga, como os hieróglifos. E sua interpretação é análoga ao deciframento desta antiga escritura figurada. A múltipla significação dos diversos elementos do sonho encontra também seu reflexo nestes antigos sistemas gráficos que devem ser deduzidos pelo contexto. No texto sobre *O Duplo Sentido Antitético das Palavras Primitivas* (Freud, 1910, p.1622), Freud expõe o trabalho combinatório dos elementos fonemáticos das palavras primitivas para dar origem à formação de conceitos. As palavras antitéticas egípcias, por exemplo, não designavam na realidade a significação que cada uma delas continha, mas a relação diferencial entre cada uma delas criando termos diferentes e opostos. Além de uma única palavra reunir em si mesma um significado antitético; havia outras compostas, cuja reunião de dois vocábulos de significações contrárias apresentavam somente o significado de um de seus elementos constituintes. Nesta última, as palavras antitéticas compostas não se reuniam para formar um terceiro conceito como no idioma chinês, mas somente para expressar por meio da palavra composta o significado de um de seus elementos que isoladamente seria o mesmo. Os conceitos são, portanto, formados pelo processo de combinação, seleção e comparação das palavras. Se só houvesse o *claro*, não distinguiríamos *claro* e *escuro*, por conseguinte, não formaríamos o conceito de claro e escuro, e nem teríamos uma palavra correspondente. *Tudo neste mundo é relativo e só tem existência independente pela diferenciação de outras coisas com as quais esteja relacionada* (Freud, 1910, p. 1621). Um conceito, portanto, só se forma amparado em sua antítese. Uma palavra originária designa apenas uma relação diferencial. A significação e o valor dado à palavra só surge posteriormente, por processos de identificações e atribuições. O homem só pode elaborar seus conceitos pela contraposição de seus contrários, e só paulatinamente aprende a discriminar os elementos antitéticos e a pensar um, sem a necessidade de invocar a comparação com o outro.

A escritura egípcia se fazia com a ajuda das chamadas *imagens determinativas*, às quais, colocadas por trás das letras indicavam o sentido a ser dado à mesma. Na linguagem falada serve-se dos gestos (mímica) como suporte imaginário, para dar à palavra pronunciada o sentido desejado. Mas em ambos os casos, nem imagens nem gestos, estão destinados à pronúncia, criando inevitavelmente uma barreira imaginária com poder de estancar a sua significação.

A relação do sujeito à palavra articulada determina uma posição estratégica frente ao que dela se escuta e frente ao sentido que dela resulta, e cujas significações fornecerão representações constitutivas de um eu identificado às imagens criadas pelo discurso que voga. Esta questão evoca uma situação clínica. Trata-se de um jovem, 13 anos, obeso. Está com 30Kg acima de seu peso normal, o que deveria ser mais ou menos 50Kg considerando-se sua idade e estatura. Ele come bastante, o que é óbvio, mas a questão é que ele não percebe isto, ele é incapaz de formar um juízo por ele mesmo, do que come e do quanto come. Ele come demasiadamente porque se toma, pela palavra de seu pai, como um magrinho. O seu pai refere-se a ele (gozando, é claro.) como sendo um rapaz magrinho e que precisa comer bastante. Este enunciado do pai que além de se consistir numa imagem narcísica (eixo imaginário que vai estancar a significação), é também uma mensagem que retorna do Outro (o discurso do pai que articula imagem e palavra) de forma invertida: ENGORDE. São nestas letras que o jovem lê o desejo paterno (ler é também interpretar) e que deve satisfazer, identificando-se ao objeto capturado na demanda do pai de comer mais, e mais. Como a palavra não atravessa o eixo imaginário, ela não encontra um par antitético que dê relatividade à mensagem do Outro que se impõe, de forma imperativa, como uma ordem. E é aí, nestas letras que o sujeito se aliena, sem poder cair “na real” situação de seu corpo.

A relação entre psicanálise e linguagem demonstra não haver medidas idênticas de sentido e significação para duas pessoas. O mal entendido na comunicação é um fato da estrutura da linguagem, e o falante que não tira da linguagem suas próprias conclusões, não passará de um repetidor das conclusões de Outrem. *Fazer a sua própria combinação e seleção é escolher. É isto o que a palavra significa* (Pound, p. 3).

A descoberta psicanalítica desvendou a existência de uma atividade sexual infantil (primitiva) desde os primeiros anos de vida da criança. Há de ter-se em conta, porém, que se trata de algo muito distinto da atividade sexual adulta, embora esta conserve traços de experiências antigas. O conteúdo da sexualidade infantil é perverso e polimorfo, e é dela que derivam as normas para o adulto. A sexualidade infantil se forma por pulsões parciais ligadas a determinadas regiões somáticas - zonas erógenas - sendo que algumas surgem desde o início em pares antitéticos: pulsões com fim ativo e pulsões com fim passivo. Mais tarde, na idade adulta, o alvo do desejo sexual não é propriamente os genitais, mas todo o corpo é tomado como objeto sexual, formando a metonímia do objeto do desejo. A sexualidade humana

não se reserva à reprodução e conservação da espécie, é algo muito mais independente e destinada ao gozo, pura e simplesmente. Oposta a todas as atividades morais, éticas e religiosas do indivíduo é obrigada a suportar as restrições do processo de evolução da civilização, a sexualidade é forçada a entrar nas restrições das questões econômicas individuais. A comprovação de que os interesses sexuais humanos visam outro fim, se dá pelas várias manifestações psicopatológicas individuais, e também pelas manifestações coletivas de libertação sexual, assim como grupos gays que colocam para a sociedade a questão do gozo sexual desvinculado das normas civis (a família), biológicas (procriação), religiosas (restrição da prática sexual) e outras.

O conceito de pulsão favorece a revisão de tendências psíquicas masculina e feminina, pois, as diferenças sexuais não aspiram, em realidade, uma característica psíquica especial, porque não há inscrição no inconsciente da diferença sexual, ela é apenas produzida pelo efeito do significante no inconsciente. O que na vida chamamos masculino ou feminino se reduz, para efeitos psicológicos, a características de atividade e passividade, qualidades que não podem ser atribuídas às pulsões mesmas, a não ser pelos seus fins. Na constante combinatória do par antitético pulsional na vida psíquica, reflete-se a bissexualidade do ser humano, postulado clínico da psicanálise. Depois da psicanálise, a sexualidade humana só pode ser definida pelo que dela a linguagem articula. A anatomia sexual é apenas um destino humano escrito no código genético.

Lacan enfoca a ordem simbólica como condição única para que o sujeito se posicione quanto a sua sexuação masculina ou feminina. E é somente nela que se colocará a questão relativa ao seu ser. Este, não é questionado em psicanálise, como um ente psicológico, social ou antropológico, mas como uma posição *carêncial*¹. O sujeito só vai adquirir uma entidade através da constelação simbólica formada pelo triângulo edípico, elemento mínimo da estrutura simbólica, onde encontrará um lugar nesta estrutura, pela interpretação dada ao desejo dos pais.

A lei fundamental da interdição do incesto (Lévy-Strauss, 1996), veiculada pela linguagem, possibilita a passagem da natureza à cultura. A linguagem como fundadora do sistema de intercâmbio simbólico, estabelece a sociedade humana como um produto lingüístico. Organizadas as sociedades e suas culturas, as relações de parentesco se estruturam, e seu modo de organização se sustenta em

¹ O conceito freudiano que se costuma traduzir por desamparo, e interpretado por Lacan como carência, refere-se à noção fundamental de falta constitutiva do sujeito, a falta para ser.

dois pólos fundamentais à ordem simbólica: o pólo materno cuja função é a de humanizar a criança fornecendo-lhe, através da voz, os elementos lingüísticos formadores da instância simbólica. E a presença simultânea do olhar irá fundar a instância do imaginário onde a criança, capturada na especularidade com outro, rejubila-se com o reconhecimento de sua própria imagem dando origem à função do eu. O outro pólo, o paterno, constitui a instância fundadora da civilização, trata-se da função paterna que ao reivindicar a mãe como objeto do desejo, faz com que ela torne-se mulher, assumindo sua representação de objeto de desejo. Abrindo, desta forma, para a criança, o terceiro elemento do triângulo, as vias do desejo como desejo do Outro.

A função paterna, que responde pelo desejo, instaura na linguagem um elemento simbólico comum a todos falantes: o Falo por excelência. O falo é prevalente em qualquer sociedade civilizada ou não. Em sua vertente simbólica é significativa da falta de objeto, em sua vertente imaginária sua significação é de ser a representação do objeto do desejo, constituindo-se como metáfora paterna. E em sua vertente real, é a presentificação no fetiche do objeto, como metonímia do desejo.

Esta concepção do falo como elemento central do triângulo edípico dará a dimensão das três categorias conceituais de Lacan: o real, o simbólico e o imaginário; permitindo-o avançar os limites teóricos de Freud, que elaborou suas reflexões sustentando-se apenas nas categorias do simbólico e do imaginário. Os avanços de Lacan rumo à teorização do nó borromeano, permitiu a retomada dos conceitos freudianos no interior dessa nova escrita. Assim, o inconsciente pode ser situado em relação ao simbólico, ao imaginário e ao real. Do mesmo modo, o falo encontra maior coerência nesta nova referência. Inconsciente e Falo são noções freudianas oriundas da experiência clínica, encontram nesta nova escritura um lugar que transforma suas definições num dado de estrutura, esclarecendo melhor a função que se espera de um analista na clínica e na transmissão da psicanálise.

O inconsciente freudiano não é um reservatório de experiências esquecidas no interior do indivíduo, mas, ao contrário, é excêntrico. É um lugar onde opera a lógica dos significantes que está em relação de exterioridade com o sujeito. O sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito do significante radicalmente distinto da concepção imaginária do eu. Trata-se, pois, de um sujeito não íntegro, acéfalo e dividido, marcando o lugar de ruptura entre letra e imagem. O inconsciente é,

portanto, o lugar originário de estruturação simbólica do sujeito, é o *wo Es war, soll Ich werden*².

O sujeito em busca da verdade defronta-se com a letra que faz signo para ele, como na escritura egípcia que utiliza as *imagens determinativas* colocadas por trás das letras. Chega-se ao grau zero da escritura e a uma reviravolta na instância da letra. Neste ponto descobre-se um defeito original, defeito da estrutura, e, será possível corrigir com a proposta psicanalítica? Trata-se de fatos ilusórios do espelho e do reviramento que ele opera. No espelho, o objeto e sua imagem revirada são idênticos, percebidos como os mesmos. O homem encontra no reviramento especular uma ilusão primordial para sua identidade, e é este par antitético que permanece desconhecido. Graças à formalização do objeto a, o objeto sem imagem especular, que a distorção imaginária poderá ser revista. A retificação imaginária restabelece uma nova ordem simbólica, criando a possibilidade de articular uma cadeia significativa que poderá começar com apoio do objeto sem imagem especular, o Falo simbólico, que ostenta a ausência da letra. Excluído da imagem especular, ele constitui um furo na organização do Eu (furo no imaginário) permitindo uma nodulação com o Outro (instância do significante). Esta transição de um *outro (imaginário) ao Outro (simbólico)* permite ao sujeito uma torção tal, que ele chega mesmo a mudar a letra, ou seja, mudar radicalmente sua posição na determinação significativa, assim, *ele escreve uma nova língua, institui um novo discurso e constrói um novo amor* (Lacan, 1973, p. 20). O analisando que passa pela torção e elabora a distorção imaginária está apto a dar seu depoimento sobre uma experiência que lhe confere uma nova relação entre saber da letra e o saber inconsciente.

Em *A Questão da Análise Leiga* (1926, p.2911), Freud afirma que na psicanálise reinou desde sua origem uma união indissolúvel entre curar e saber, o *conhecimento traz consigo o êxito terapêutico; foi impossível tratar a um paciente sem aprender ao mesmo tempo algo novo, nenhuma nova informação pode adquirir-se sem experimentar simultaneamente seus resultados benéficos*. Freud refere-se ao que aprendemos depois dele com Jacques Lacan sobre a relação entre verdade e saber. A eficácia simbólica realiza a produção de um saber sobre o inconsciente, e é desta produção que o paciente extrai o benefício de sua cura. Neste mesmo texto Freud assegura que o procedimento psicanalítico é o único no qual permanece essa

² A melhor tradução que temos para este aforismo freudiano é a que Lacan nos propõe: “lá onde Isso era, o sujeito deve advir”, para afirmar sua existência.

preciosa conjunção entre cura e investigação, e uma preciosa disjunção entre saber e verdade, segundo Lacan.

Se uma análise for levada às suas últimas conseqüências, haverá da parte do analisando a desconstrução da instância da letra, surgindo disto inevitavelmente um novo discurso, o discurso do psicanalista. Isto vale para qualquer um que chegue ao final de uma análise, ponto que produz uma relação muito particular entre saber e sua transmissibilidade. Este ponto permite refletir sobre a relação que existiu entre as teorizações de Lacan e a instituição psicanalítica. O seu ensino iniciou com a teorização do significante sustentado pela Instância da Letra. Neste momento, a escola lacaniana admitia o significante derivativo da instância da letra, mas nunca confundido com ela, apenas a necessitava como suporte e atributo. Isto porque um significante é apenas relação sem positividade alguma, é sem qualidade, sem identidade própria e nem pode ser manipulado. Ele não se transmite, pois apenas representa para um outro significante. Não existe mestre do significante. Por esta razão, no nível do significante, não há inventor, só significante mestre. Mas como algo novo é inaugural, é fundador. Mas através do que? Através da letra que lhe dá substância, e todas as qualidades que faltam ao significante.

Os matemas, criação de Lacan, são da ordem da letra, eles capturam o significante em qualificações, por exemplo, S1 como mestre e S2 como saber. É porque há qualificações que os matemas entram na instância da letra dando suporte material (imagem) ao significante. A doutrina dos matemas, originada da instância da letra, exigiu a fundação da Escola Freudiana, pois ela permitia uma escritura para a transmissão da psicanálise que já não suportava mais o doutrinal da IPA, e nas matemáticas Lacan pode encontrar um apoio literal, pois tais letras permitiam articular o que era da ordem do impossível da psicanálise - o *Umbigo do Sonho* em Freud, e o *Real* em Lacan. Mas, ao mesmo tempo surge um complicador, pois devido às características da letra com suas qualidades e identidades, elas são manipuláveis, são rasuradas, apagadas, abolidas até. Embora tendo a propriedade da transmissibilidade, ela pode transmitir aquilo que é da ordem de uma ilusão. Sendo assim, as regras de seu manejo podem ser ditas ou escritas, e aquele que as diz ocupa, no tempo usado em dizê-las, a posição de um mestre do jogo de letras até mesmo de inventor ou de um impostor. E foi com isto que Lacan teve que se a ver no âmbito da instituição psicanalítica. Problema que Lacan só encontrou um meio de resolver que foi a dissolução da instituição Escola Freudiana.

Por outro lado, a teoria do Nó Borromeano fica mais robusta depois da dissolução. Abre a via do real da psicanálise e estabelece sua relação com a ciência moderna. Lacan separa a instância da letra do simbólico, e, depurando-a pela separação de sua *imagem determinativa*, encontra-se a invisibilidade do significante. A ciência do Real terá seu apoio, não mais nas letras, mas na teoria do Nó Borromeano que vai dar sustentação à falta da letra. De certo modo, esta teoria será a destruidora da letra, e a causa da mudança de discurso de Lacan. Quando Lacan se põe a teorizar o nó borromeano, a palavra já se mostra insuficiente para dar conta deste conceito, a noção do real impõe seu silêncio, ali onde a palavra cessa um ato vem em seu lugar. Depois da dissolução, a transmissão de Lacan era sem palavras, ele apenas demonstrava a tecedura dos nós. Este silêncio de Lacan não deve constituir-se em enigma que gera milhões de conjecturas, este é um problema geral da psicanálise, pois, ela clama por um modo de pensar que seja disjuncto das regulagens imaginárias. Creio tratar-se de um problema deixado por Lacan à posteridade, mesmo porque seu tempo já havia passado e se a teoria psicanalítica não encontrou na morte de seu fundador o seu limite, não será no silêncio de Lacan o seu acabamento.

A trilogia lacaniana, pelo modo que foi tramada, demonstra a seguinte trajetória do esquema óptico que descreve o imaginário, parte para a lógica do significante definindo o campo do simbólico, com as matemáticas e a topologia constituiu o real, e chegando ao nó, chega-se ao fato de ver que este é o real, como tal, só aparece como terceira dimensão. A partir do momento em que significante, letra, e imagem não mais se superpõem, passam a formar um elo em três dimensões – RSI – assim, o efeito especular deixa de existir. O nó borromeano escreve as relações de troca dos três registros dando a eles sua medida comum.

Lacan vai procurar provas de existência da cadeia borromeana como fundamento do pensamento, sobretudo do sentido. Trata-se de mostrar que RSI é uma cifra necessária para colocar uma existência que não se constitua em uma imagem, mas, uma estrutura de falta. Coloca o sentido em relação ao inconsciente e ao sintoma; e o real, por definição é aquilo que não é simbolizado, está fora do sentido, mas, no entanto, situa o que pode ser concebível.

O significante por si só não pode ser instituído, a condição necessária de sua existência é a letra que lhe dá suporte, temos aí, a condição de transmissibilidade da psicanálise. Aos significantes decantados de Freud e Lacan cabe a cada um colocar a sua letra possibilitando novas escrituras, renovadas pelas experiências. Trata-se

de um fato semelhante ao discutido por Freud em um texto brevíssimo sobre *O Significado da Aliteração das Vogais* (Freud, 1911 p. 1643). Havia uma regra religiosa entre os antigos hebreus, que proibia a pronúncia do nome de Deus, esta proibição era tão estrita que não se sabe qual é a vocalização do seu nome. Isto só se tornou possível ao acrescentar a ele, signos vocálicos do nome Adonai (Senhor) que não era proibido, e o impossível de se dizer pode ser pronunciado a partir de então como Jeová. O mesmo ocorreu com o surgimento do alfabeto grego. Os gregos, dominados pela cultura Etrusca que tinha uma escrita impronunciável, um alfabeto constituído só de consoantes, acrescentaram suas letras (vogais) e transformaram o mundo ocidental (Man, 2002).

Justamente por não haver mestre do significante que a psicanálise não encontrou seu limite na morte de seu fundador e no silêncio de seu mais iminente mestre, ela pode prosseguir para além dos seus limites teóricos, pois com a doutrina do nó borromeo a escrita psicanalítica não corre o risco de tornar-se letra morta e incompreensível por não poder mais ser lida ou pronunciável, pois *a teoria do nó não se esgota em sua “mostração” incansavelmente variada, e não requer, para legitimar sua eficácia ser integralmente escrito* (Lacan, 1973, p. 116).

Isto abre um novo pensar sobre o lugar para ensino da psicanálise. Em 1918, Freud fez um pronunciamento sobre *O Ensino da Psicanálise na Universidade*, alegando que as associações psicanalíticas devem sua existência precisamente pela exclusão que a psicanálise sofre pela Universidade. E enquanto perdurar tal exclusão, as associações marginais farão justiça ao ensino da psicanálise. Por outro lado, é sabido da antipatia com que a psicanálise recebe o discurso universitário. Antipatia criada justamente pela oposição subjetiva que há entre o saber inconsciente e o saber da letra, mas se tal oposição conseguir desamarar-se dos efeitos imaginários dos discursos e atravessarem os indivíduos que lhe dão suporte, será perfeitamente possível admitir um departamento de psicanálise no Campus Universitário. Por muito tempo Lacan hesitou em inscrever-se no organograma da Universidade, contentando-se com o abrigo que esta podia lhe consentir às suas margens (lugares cedidos para seus seminários). Só em 1975 foi organizado um departamento de psicanálise na Universidade de Paris VIII. Alguns testemunhos (Milner, 1996) revelam que Lacan desejava ser convocado diretamente pela universidade.

Se a Universidade repousa sobre um ato de transmissão, a legitimidade de um departamento de psicanálise na universidade só se sustentaria numa doutrina,

única e exclusivamente, assegurada pela transmissibilidade da própria psicanálise. E se um departamento de psicanálise pode de fato ser admitido como um lugar apropriado ao seu ensino, é porque há uma doutrina mais que suficiente para dar sustentação a este empreendimento.

BIBLIOGRAFIA

- FREUD, S. *Obras Completas*, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid Espanha 1973.
- _____. *Projeto de uma Psicologia para Neurologos*, 1895 [1950] vol. I p. 209.
- _____. *A Interpretação dos Sonhos*, 1900 Vol. I p. 343.
- _____. *O Duplo Sentido Antitético das Palavras Primitivas*, 1910 Vol. II p. 1620.
- _____. *O Significado da Aliteração das Vogais*, 1911 Vol. II p. 1643.
- _____. *O Múltiplo Interesse da Psicanálise*, 1913 Vol. II P.1951.
- _____. *Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade*, 1918 Vol. III p. 2454.
- _____. *A Questão da Análise Leiga*, 1926 Vol. III P. 2911.
- LACAN, J. *O Seminário Livro 11 (1964)*, Ed. ZAHAR, Rio de Janeiro, RJ. 1979.
- _____. *O Seminário Livro 20 (1972/1973)*, ED. ZAHAR, Rio de Janeiro, RJ. 1982.
- _____. *Escritos*, Ed Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ. 1998.
- _____. *Função e Campo da Fala e Linguagem em Psicanálise*. 1953. In: *Escritos*. J. LACAN (ed). Ed Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ. 1998. p. 238.
- _____. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão Desde Freud*. 1957. In: *Escritos*. J. LACAN (ed). Ed Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ. 1998. p. 496.
- _____. *A Ciência e a Verdade*. 1965. In: *Escritos*. J. LACAN (ed). Ed Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ. 1998.p. 869.
- LÉVY-STARUSS, C. *Antropologia Estrutural*, 5ª ed. Ed. Tempo Brasileiro Rio de Janeiro, RJ. 1996.
- MAN, J. *A História do Alfabeto*, Ed. Ediouro, Rio de Janeiro, RJ. 2002.
- MILNER, J. C. *A Obra Clara*, Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ. 1996.